

Vol 6 Issue 10 July 2017

ISSN No : 2249-894X

*Monthly Multidisciplinary
Research Journal*

*Review Of
Research Journal*

Chief Editors

Ashok Yakkaldevi
A R Burla College, India

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Kamani Perera
Regional Centre For Strategic Studies,
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Dr. T. Manichander

Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pinteau Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [M.S.]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMAR LAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V. MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
Awadhesh Kumar Shirotriya	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S. KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept. English, Government Postgraduate College , solan

More.....



MULHERES VIAJANTES E DESLOCAMENTOS NA AMAZÔNIA

Jeanne Chaves de Abreu
Yomarley Lopes Holanda
Diogo Gonzaga Torres Neto
Eveline Maria Damasceno do Nascimento
Karla Patrícia Palmeira Frota

Doutorandos do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM (Brasil).



ABSTRACT

In this study we conducted an approach on the participation of women in the expeditions to the Amazon region, their contributions to scientific researches, the views of our region and the observations pointed and related by the same. These women in different areas of science have come to contribute to the formation of a thought on Amazon region through their texts and documents that make and are part of the collection of books catalogued in national libraries around the world.

KEYWORDS: *Women; Amazon region; Research.*

INTRODUÇÃO

Tudo o que faz parte da Amazônia traz em seu bojo exotismo e mistérios, a fauna, a flora, os habitantes, as florestas, os grandes rios e as mulheres. Durante cinco séculos, viajantes e homens de “boa fé” tentaram dominá-la e colonizá-la e, ainda hoje, existem olhares ambiciosos almejando um dia conquistá-la. Essa conquista nunca foi pacífica e, camuflados de “bons moços” vimos nossas terras e nosso povo ser dominado e execrado, assim foi construída uma nação com bases frágeis na moral, no respeito e na sua dignidade. Olhares preconceituosos foram gerados e somos vistos aos olhos do mundo como o país das “facilidades”.

No cenário amazônico, o exótico e o fantástico são temas recorrentes no imaginário global onde fantasia e realidade se entrelaçam, onde uma inicia e a outra termina, são dimensões impossíveis de mensurar. Viajantes europeus adotaram um discurso homogêneo ao retratarem o indígena ou mestiço destituídos de moral, ou seja, indolentes, brutos e depravados, ao mesmo tempo situavam a Amazônia como “aquele lugar privilegiado do planeta onde se realizaria a mais perfeita expressão do primado da natureza sobre o homem, uma espécie de paraíso perdido que nos reportaria ao cenário de uma terra antes do aparecimento do homem”. (OLIVEIRA, 2008, p. 15).

A Amazônia foi e é um lugar do mundo abençoado por uns e amaldiçoado por outros, é uma terra onde a unanimidade não existe e, cada um dos cronistas, viajantes, pesquisadores ou naturalistas que aqui estiveram teceram comentários diversificados sobre esse torrão. Destaque-se o comentário sobre o clima evidenciado por Agassiz (1865) para o Jornal do Comércio: “a opinião geral, com efeito, é que o clima no Amazonas é dos mais insalubres. Não há um só viajante que não o descreva de um modo assustador. É o país das febres, dizem todos”.

Para não afastar ou pôr fim a vinda dos colonos para habitar essas paragens, Tavares Bastos (1865) no mesmo jornal retruca e diz: “Manaus tem uma reputação antiga de fertilidade, beleza e de excelência de clima. As margens do Solimões ou Alto Amazonas são perfeitamente habitáveis”. Assim é a Amazônia, um lugar de olhares diversificados e contraditórios sobre seu povo, clima, usos e costumes gerando relatos instigantes sobre sua diversidade.

As três mulheres viajantes pontuadas nesse estudo, trazem nos seus relatos um olhar mais sensível, porém, sem deixar de lançar censura ao comportamento de nossos ancestrais, talvez o choque de relações entre povos díspares, um reflexo da educação europeia. A descrição e os relatos realizados nesse texto marcam primeiramente o período de 1865/1886, quando o casal, Elizabeth Cary Cabot Agassiz e Jean Louis Rodolph Agassiz estiveram no Brasil com o objetivo de realizar uma expedição de cunho científico. Outra naturalista que esteve nas paragens amazônicas foi Octavie Coudreau, aportou em nossas terras juntamente com seu esposo, o também naturalista francês Henri Anatole Coudreau, no dia 28 de julho de 1895 e permaneceu até 07 de janeiro de 1896. Estabeleceram-se às margens do rio Trombetas aonde Henri veio a falecer. A ornitóloga Emilie Sneathlage que viveu na Amazônia por 17 anos, fecha o grupo das viajantes que iremos abordar nesse texto.

Gênero e pesquisa na Amazônia

A Amazônia é desde tempos imemoriais vista com temores, através dos mitos e lendas que foram criadas e que povoaram o universo mítico dos viajantes estrangeiros. Observações e anotações preconceituosas foram sendo forjadas em torno de uma terra que ao mesmo tempo era o éden e o inferno. Com os avanços tecnológicos e a criação do navio a vapor a distância entre os países europeus e as terras brasileiras foi sendo minimizada, assim como a popularização das ciências naturais. Nesse contexto, a Amazônia com suas riquezas naturais inigualáveis passou a ser ponto obrigatório de cientistas, pesquisadores e curiosos viajantes. De todas as partes do mundo surgiram cientistas com o intuito de estudar mais amiúde essas riquezas.

Ao abordarmos os deslocamentos das mulheres viajantes, queremos pontuar que o olhar feminino sobre a Amazônia apesar de conter algumas considerações preconceituosas, são descritas com maior sutileza e romantismo tornando-as mais leves.

Percebemos também que nos apontamentos das três mulheres viajantes contempladas nesse estudo não há uma preocupação em retratar a mulher amazônica como perigosa, lasciva e sexualmente permissiva, mas, seus olhares se detêm não e tão somente nas questões das mulheres, mas sim em tudo que está relacionado a essa região, tais como, a cultura, as famílias, o ecossistema e a sociedade da época.

As descrições e os relatos realizados nesse texto marcam primeiramente o período de 1865/1886, quando o casal, Elizabeth Cary Cabot e Jean Louis Rodolph Agassiz estiveram no Brasil. Elizabeth nasceu em 1822, teve uma infância tranquila e feliz ao lado de seus familiares. Após o casamento de sua irmã mais velha com um professor, ela passou a se socializar com intelectuais e interessar-se pelo mundo das pesquisas. Em 1849, ela conheceu o cientista Louis Agassiz, após curto namoro contraiu matrimônio no ano seguinte, 1850. Foi auxiliar e companheira do marido na sua viagem a Amazônia, todavia, independentemente realizou as suas próprias considerações e pesquisas sobre aquele mundo fantástico que se descortinava a sua frente.

O casal aportou na cidade de Manaus no dia 24 de outubro de 1865. A chegada a essa cidade situada no conhecido coração da Amazônia foi uma surpresa, e um desolado prédio serviu como instalação para os cientistas. Conviver com ratos e outros insetos, assim como mosquitos e o calor infernal, foram as primeiras anotações acerca de Manaus que pontuaram o diário de Elizabeth.

O aposento que nos aquartelamos, quarto e sala ao mesmo tempo, é um salão alto e muito comprido, que se abre por muitas portas e janelas para um vasto terreno cercado que cortesmente chamam de jardim; na realidade é um campo inculto, invadido por um matagal e onde se vêem espalhadas algumas árvores, mas que nem por isso deixa de formar um pátio que proporciona sombra e vegetação. (AGASSIZ, 1975, p.157).

Os relatos de Elizabeth trazem descrições pormenorizadas dos lugares mais frequentados pela população local tais como os banhos de Igarapés que eram apreciados por todos, principalmente nos dias quentes dos trópicos. Tece comentários importantes sobre as festas populares e as tradições indígenas, relata

observações sobre a fauna e a flora da região quando dos seus passeios de canoa em lagos e igarapés; anotou também em seu diário de viagem as questões sociais observadas pela mesma, principalmente relacionada com as mulheres amazônidas e seu “modus vivendi”.

Na metade do século XIX, na cidade de Manaus, ainda prevalecia, nos modos de se portar e nos lazeres diários, a cultura nativa, já que não existia a preocupação com horários fixos de descanso e trabalho. Percebemos que Manaus tinha ainda a natureza como referência para inúmeras atividades, tais como edificação de pequenas construções, a formação e o crescimento das cidades e a contagem do tempo. A vida da população seguia esse ritmo. (VILLANOVA, 2011, p. 125).

Ao realizar comentários sobre a população, Agassiz destaca as observações acerca da higienização dos ambientes e dos indígenas, e a preocupação dos mesmos em lavar suas vestes, ressaltando e comparando essas condições às pessoas de baixa renda do seu país de origem que não primavam por condições de higiene compatíveis com um povo civilizado. As casas e as pessoas pauperizadas desta época no seu país de origem cheiravam mal. Na Amazônia era diferente, os ares tinham um cheiro peculiar, uma mistura de odores característicos dessa terra que não era bom e nem mau, era único. Em suas anotações ela destaca que,

As salas são abertas a todos os ventos e os índios tem grande asseio corporal; podem ser negligentes em outras coisas, mas tomam banho uma ou duas vezes ao dia ou mesmo mais, e lavam suas roupas frequentemente. [...] não podemos dizer de muitas casas onde passamos a noite quando viajávamos no Oeste ou mesmo Sudeste dos Estados Unidos; por mais de uma vez o aspecto duvidoso do leito e o cheiro abafado não nos pressagiavam boa coisa para o repouso da noite. (AGASSIZ, 1975, p. 164).

Outro apontamento instigante para Elizabeth foi constatar a total falta de preocupação dos nativos com o cumprimento das horas. A vida na Amazônia transcorria de forma muito lenta e seu habitantes acompanhavam esse ritmo, não havia obrigatoriedade de seguir regimento um horário de labor, havia a preocupação e a necessidade de tomar banho nos igarapés para que o calor escaldante fosse minimizado. A cada dia se bastava, viver o momento era premissa maior sem que tivessem consciência disso.

Elizabeth em seus textos comenta sobre a numerosa população indígena e a escassez de homens brancos, e com certa aversão incomoda-se com os modos rudes com os quais os poucos brancos se comportavam, e, é rigorosa, ao comentar que os brancos estavam abstraindo os maus costumes dos nativos em detrimento da educação europeia. Observe-se que estes poucos brancos vinham de Portugal que foi um dos últimos países europeus a investir na educação da população, pois por volta da primeira década do século XX era o país com o menor índice de escolarização e educação letrada.

Com certa indignação aborda a falta de moral tanto de brancos quanto de indígenas e comenta: “contudo, além da população branca ser escassa, faltava-lhe, como ela mesma dizia, moralidade”. Acrescenta, ainda, que ocorria ali “um estranho fenômeno de uma raça superior recebendo o cunho duma inferior, de uma classe civilizada, adotando os hábitos e rebaixando-se ao nível dos selvagens”. (VILLANOVA, 2011, p.136).

Seus registros também são ricos em informações com relação aos hábitos e costumes das populações tradicionais e nesses textos detectamos um olhar preconceituoso sobre as relações afetivas e as formações familiares.

O resultado de ininterruptas alianças entre mestiços é uma classe de pessoas em que o tipo puro desapareceu, e com ele todas as boas qualidades físicas e morais das raças primitivas, deixando em seu lugar bastardos tão repulsivos quanto os cães amastinados, que causam horror aos animais de sua própria espécie, entre os quais não se descobre um único que haja conservado a inteligência, a nobreza, a afetividade natural que fazem do cão de pura raça o companheiro e o animal predileto do homem civilizado. (AGASSIZ, 1975 p. 184).

Os Agassiz estiveram entre nós por apenas seis meses. Ao mesmo tempo em que se admiravam das belezas desta terra por sua diversidade biológica, pois eram naturalistas, ficaram surpresos e estarrecidos com o clima quente úmido, as chuvas torrenciais, a ausência das quatro estações, o vazio demográfico, o exotismo do povo, os usos e costumes, entre outros. Partiram levando uma quantidade significativa de registros documentados dos tesouros amazônicos.



Elizabeth Cabot Agassiz

Fonte: Enciclopédia Britânica 289X450 Pesquisa por imagem

Outra naturalista que esteve em nossas terras foi Marie Octavie Coudreau chegou juntamente com seu esposo o também naturalista francês Henri Anatole Coudreau no dia 28 de julho de 1895 e permaneceu até 07 de janeiro de 1896 às margens do rio Trombetas aonde Henri veio a falecer. Batista (2006, p. 15) indica que a partir do século XXVIII em diante, quando já tinha ecoado na Europa o troceno anunciador das grandezas amazônicas, começou a procissão dos viajantes e naturalistas, curiosos de entender o Mundo Novo, deslumbrados ante aquele recanto impressionante da eterna oficina do criador. As mulheres que estiveram na Amazônia como pesquisadoras e/ou viajantes tiveram sempre a seu lado a presença constante dos esposos. A única que viria a quebrar esse padrão foi Emilie Snethgale que, sozinha, enfrentou as diversidades dessa região, porém, iremos comentar sobre a mesma em outro parágrafo.

Octavie e Henri, não eram fotógrafos e, sim, geógrafos e cartógrafos. Mas, usaram do recém-criado invento para registrar tudo o que encontravam e que era interessante aos seus olhares investigativos e curiosos. Tanto que Octavie é considerada a primeira mulher a fotografar a Amazônia e sua diversidade. Apaixonado pela vida indígena, Coudreau acreditava no mito do “bonsavage¹” e procurou incessantemente esse indivíduo em todas as suas expedições. Os dois tinham estima e consideração com o ser humano e conseguiram uma rica documentação acerca da etnografia do povo local.

Após a morte de Henri, Octavie Coudreau continua por mais sete anos a exploração e o trabalho de seu marido. Em nome do estado do Pará, Henri Coudreau foi encarregado de explorar o rio Trombetas. Octavie, recentemente casada, o acompanhou.

O ano 1889 se apresenta trágico para o casal, nesta primeira e única viagem que fizeram juntos e que geraria o livro “História de Viagem ao Trombetas”, escrito por Henri Coudreau sobre o afluente do norte da Amazônia e chega a termo graças a tenacidade de sua mulher, pois Henri, cansado e exausto por anos passados no “inferno verde”, morreu nos braços da esposa em 10 de novembro de 1899 vítima de malária. Com coragem exemplar, ajudada por seus companheiros de viagem, fabrica um caixão com as pranchas do barco e o enterra num promontório com vista para o Lago de Tapagem. Após uma noite de angústias, ela retoma a exploração.

Octavie irá escrever os capítulos finais do livro em seu retorno à França.

Em abril de 1900, ela retorna a explorar o Murapi. Determinada, incansável, voluntária, ela mostra mais coragem que muitos homens frente aos inúmeros perigos que se apresentaram. Ela aprendeu com seu marido o uso de aparelhos e equipamentos necessários para a exploração: bússola, fotografia, mapa, etc. Com extrema delicadeza e dedicação, por vezes tingida de melancolia romântica, ela demonstra notável coragem quando enfrenta as doenças (esgotamento, febres, ferimentos) e, ao mesmo tempo, usa de autoridade e disciplina para dirigir e comandar as expedições. Infelizmente, não encontramos maiores referências alusivas ao casal Coudreau, o que nos propomos a reparar em breve.



Marie Octavie e Henri Coudreau com seus marinheiros
 Fonte: <http://www.pantanalnews.com.br/contents.php?CID=107848>

Henriette Mathilde Maria Elizabeth Emilie Snethgale, nasceu a 13 de abril de 1868, em Brandemburgo, ao norte de Berlim, cedo ficou órfã de mãe e, por conseguinte, teve toda a sua educação ministrada pelo pai. Na idade adulta foi preceptora por dez anos, mas essa era uma profissão que não era bem vista pela sociedade da época, pois uma mulher sozinha, solteira e sem filhos era uma ameaça à vida afetiva do casal, assim como a forma de educar os filhos dos outros gerava situações delicadas dentro das famílias.

Emilie chegou ao Brasil em 1905 aos 37 anos de idade, veio à Amazônia acatar um convite de trabalho. E o trabalho foi a motivação de toda a sua vida. Foi convidada para assumir um cargo no Museu Emilio Goeldi na cidade de Belém/PA. Emilie galgou todas as posições de chefia da referida Instituição Científica, chegando, inclusive, a sua direção. Três meses antes Koch-Grünberg havia estado na capital paraense e fez o seguinte relato sobre a mesma.

No dia 23 de maio de 1903, no Pará, pisei de novo em solo sul-americano. Localizada na entrada do rio Amazonas e sendo a mais importante cidade mercantil de toda a região Amazônica, Pará deixa uma boa impressão, considerando as condições brasileiras. As casas de cores claras e as muitas igrejas com suas altas torres, entre as quais a vetusta catedral, construída em 1720, dão a cidade um caráter simpático e ao mesmo tempo grandioso. (Koch-Grünberg, 2005, p. 23).

Chegando a Belém, Snethlage, iniciou seus estudos ornitológicos e seus deslocamentos, visitou a região de Santo Antônio do Prata, em outubro. E, em dezembro, seguiu para a Ilha de Marajó. De seus estudos sobre as aves amazônicas, foi publicado o "Catálogo das aves amazônicas", publicado em 1914.

Junghans, (2007), comenta que a: "cientista foi contratada pelo Museu Emilio Goeldi para trabalhar como assistente da Seção de Zoologia, cuja direção Goeldi acumulava com a direção do museu". Emilie veio para fincar raízes, morar e adaptar-se a um ambiente tão adverso do qual a mesma estava acostumada. Ao chegar à cidade de Belém/PA, sua figura causou estranheza para a população, assim como a figura dos habitantes locais para ela. Emilie era uma mulher destemida, realizou suas expedições exploratórias apenas acompanhada dos indígenas.

Para Emilie, as barreiras não existiam, uma de suas mais arriscadas empreitadas foi a travessia entre os Rios Xingú e Tapajós em 1909 acompanhada apenas pelos indígenas. Nota-se que até essa data a região não havia sido percorrida por nenhum indivíduo da raça branca, essa expedição repercutiu grandemente nos meios científicos de todo o mundo.

Sendo do gênero feminino, a viajante Snethlage teve que travar luta também contra o ser mulher e ter atividades masculinas; para minimizar esse contratempo, fazia questão de estar sempre de saia e só se deixava fotografar usando esse vestuário. Usava calças compridas apenas quando estava em trabalho de campo. O trabalho da pesquisadora era profícuo, como ela mesma cita em uma de suas cartas ao seu irmão, acordava às cinco e trinta da manhã e rumava para a floresta, onde ficava em contato com a natureza até às quinze horas quando retornava à sede.

Em 1907, Emilio Goeldi solicitou seu afastamento da direção do museu para retornar a sua terra natal. Em seu lugar ficou o botânico Jacques Huber. Em 1914 Huber veio a falecer e Snethlage assumiu o posto de diretora do Museu, sendo então a primeira mulher da América Latina a ocupar a direção geral de uma Instituição

Científica. Esse feito se deu graças a Adolph Ducke por não possuir diploma de Ensino Superior. Sua gestão foi bastante conturbada em virtude da crise financeira do Estado do Pará ocasionada pelo fim da exploração da borracha. Snethlage ficou no cargo até 1921.

Após a primeira guerra mundial, Emilie foi perseguida por ser alemã e em virtude disso teve que abandonar a direção do Museu Goeldi e foi transferida para o Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Quando chegou a essa Instituição, lá já trabalhavam duas outras pesquisadoras que também tiveram destaque nas ciências: Heloisa Torres e Bertha Lutz. O trabalho no Museu Nacional como naturalista viajante lhe rendeu viagens científicas pelo Maranhão, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Paraná, Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai.

Emilie tentou ainda explorar o Rio Madeira, mas veio a falecer em Porto Velho, no dia 25 de Novembro de 1929. Segundo a historiadora Miriam Junghans, Emilie publicou ainda artigos sobre geografia e etnografia.



Emilie Snethlage – pioneiras – view – Portal CNPQ
Fonte: Portal Lattes – CNPq 195X254 Pesquisa por imagem

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elizabeth viveu intensamente sua estadia na Amazônia. Sendo observadora e extremamente curiosa, preocupou-se em se atentar aos mínimos detalhes da vida cotidiana de nossas ancestrais, participou ativamente da vida no lar e em sociedade, apontando em seu diário de viagem do biótipo ao vestuário, a vida familiar, os momentos de alegria e de tristeza das mulheres, deixando um legado substancial para a pesquisa sobre as mulheres amazônicas.

Das mulheres tema desta pesquisa, a que encontramos referências escassas foi a respeito de Marie Octavie Condreau que em muitos artigos aparece com o nome de Otilie, pois seu nome estava diretamente ligado ao de seu esposo Henri, que foi quem comandou a expedição e é o nome dele que é frequentemente citado quando de sua estada na Amazônia. Nota-se neste pormenor a invisibilidade das mulheres frente ao patriarcalismo.

Ornitóloga com nível superior e uma das primeiras mulheres a ingressar no Ensino Superior Alemão, Emilie não contraiu matrimônio e dedicou toda a sua vida ao estudo, principalmente, ao estudo dos pássaros. Encontrou na Amazônia campo fértil para suas pesquisas e de legado, deixou muitos documentos relacionados às suas pesquisas. Mas, com relação aos olhares sobre a etnografia e a cultura do povo local, os comentários em seus escritos, são incipientes e pouco conhecidos. Esse olhar alheio aos povos amazônicos a diferencia em tudo das observações deixadas por Agassiz, que abordam em seus relatos minúcias sobre o povo, principalmente sobre as mulheres. Parece-nos que Emilie se preocupou inteiramente com ela mesma de forma bastante egoísta, importando-se em deixar para a comunidade científica os seus achados extraordinários.

Essas mulheres contribuíram com olhares diversificados e nos deixaram um legado impar. Lutando com grandes obstáculos em uma época de extremas dificuldades para enfrentar os reveses amazônicos construíram um estudo de grande significado para a Amazônia e para a comunidade científica do mundo.

REFERÊNCIAS

1. AGASSIZ, Luiz e Elizabeth. Viagem ao Brasil 1865 – 1866. Trad. João Etienne Filho. Ed. Universidade de São Paulo, 1975.

2. BATISTA, Djalma. Amazônia, Cultura e Sociedade. 3ª Ed. Org. Tenório Telles. Manaus: Ed. Valer, 2006.
3. JUNGHANS, Miriam. Emília Snetlage (1868-1929): uma naturalista alemã na Amazonia. 2007.
4. OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. Ciências e Saberes na Amazônia: indivíduos, coletividades, gêneros, etnias; NORONHA, Nelson Matos de; ATHIAS, Renato (Orgs). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
5. KOCK-GRUNBERG, Theodor. Do Roraima ao Orinoco. Vol. 1. Ed. UNESP, 2005.
6. VILLANOVA, Simone. Entre a barbárie e a civilização: o teatro de palha na visão do viajante Robert Avé-Lallement, In: Amazônia dos viajantes: História e Ciência. Org. Almir Jr e Nelson Noronha. Manaus-UFAM, 2011.

IMAGEM PRINCIPAL

1. VIEIRA, Ivânia. Femmes D'Amazonie. Refuser La misère. Du Levain pour Demain, n° 27. Disponível em : <<http://refuserlamisere.org/article/femmes-damazonie>>; Acesso em : 24 Jul. 2017.

¹O mito do bonsavage ou noblesavage é a idealização do homem em estado de natureza (homens vivendo em contato com a Natureza). A ideia de que o "bom selvagem" vivendo em um paraíso na terra antes do pecado original foi desenvolvido no século XVIII com seus fundamentos nos exploradores e conquistadores da Renascença. O mito do bonsavage permitiu escritores contemporâneos a desenvolver uma forma crítica social sobre as aberrações e injustiças da sociedade.

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal
258/34 Raviwar Peth Solapur-
413005, Maharashtra
Contact-9595359435

E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com